

IDÉIAS

SE não soubessem que há um Senado, os deputados seriam, com certeza, mais cuidadosos ao votar certas leis. Algumas, eles aprovam sabendo que vão levar pau no Senado; mas aprovam assim mesmo, para atender a pedidos.

Esta é a única explicação que há para o caso dessa lei que pretende proteger a música brasileira. As fábricas de discos só poderiam editar músicas estrangeiras da mesma proporção das nacionais; todo «long-playing» de música estrangeira teria de ter um lado nacional; em qualquer programa de concerto seria obrigatória a inclusão de 50 por cento de músicas de compositores nacionais.

Sabem lá o que é isso? Obrigar qualquer concertista estrangeiro — pianista, violinista ou cantor — a fazer metade de seu programa de músicas nacionais! Forçar, como hoje se força, o artista ou o conjunto visitante a executar um número brasileiro já é bastante ridículo — tão ridículo que às vezes isso não se cumpre, como foi o caso, há pouco, de Armstrong. Empurrar-lhe à força 50 por cento de música brasileira é totalmente impossível. Nenhum artista e nenhum público aguentaria isso.

Outro dia, num programa de televisão, o poeta Schmidt disse ao Antônio Maria que era preciso fazer uma campanha nacional contra a burrice. Minhas idéias são, com frequência, muito diferentes das de Schmidt, tanto que até fiquei com medo de sua campanha me atingir; é possível que ele me ache burro por causa de muita coisa que escrevo, e que ele fatalmente considera burrices.

Mas num caso como esse a gente vê que o Schmidt tem suas razões. Esse nacionalismo barato que visa «valorizar o que é nosso» a muque, por decreto, na ignorância, já fez várias «conquistas» como essa do «número brasileiro» ou aquela da percentagem de peças nacionais nas temporadas de teatro, sem falar na proteção aos «abacaxis» do cinema nacional. É tempo de rever essas tolices, e não de agravá-las. O Brasil ficaria mesmo à beira de um abismo; se o Senado deixasse passar a tal lei: um abismo de burrice e de ridículo. Aquela Ópera de Pequim, por exemplo, teria de completar seu espetáculo, à falta de «óperas» daquele gênero entre nós, com o que temos de mais parecido: o Bumba-Meu-Boi...